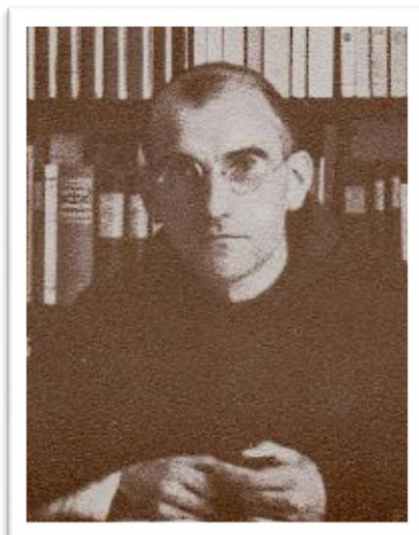


## **EDUCAR PARA A SANTIDADE**

**Vida de**

**Frei Jacques de Jesus, OCD**

**(Lucien-Louis Bunel)**



**(29/01/1900 – 02/06/1945)**

(coletânea de textos traduzidos por Frei José Gregório Lopes Cavalcante Júnior, OCD)

A primeira reação relatada do pequeno Lucien é o sorriso que o bebê dirige a seus pais perto do açude Saint Germain, meta de sua peregrinação. Sorriso de bem-estar dum pequeno corpo que sente renascer nele uma vida que todo mundo, inclusive a medicina, acreditava a ponto de acabar-se; sorriso que responde à oração da Senhora Bunel: “Meu Deus, deixai-o comigo até os vinte anos, depois levai-o, ele vos pertence, mas dai-me a alegria de vo-lo oferecer quando for grande”. Esse sorriso é a expressão da linha diretriz de sua vida, vida que se poderia chamar “imitação de Jesus Cristo”.

Lucien é também surpreendido no sótão, trepado sobre uma cadeira, dirigindo-se sem dúvida a fantasmas, para louvar as belezas e as bondades de Deus. À mãe que o interroga, o menino responde: “é necessário que eu aprenda a falar aos homens”. Marcado com o selo de Deus, o pequeno Lucien já está voltado para o outro em sua busca do Senhor. Sua alma de criança já é uma alma de apóstolo pela palavra. Falará de Deus aos homens durante seu ministério de padre e educador, e até nos campos. Na outra extremidade de sua vida, continuará a dirigir-se a fantasmas humanos, tornados tais pela crueldade humana, e louvará ainda e sempre “as belezas e bondades de Deus”.

O primeiro encontro com o outro marcará profundamente Lucien, quarto de oito filhos de uma família operária de Barentin. Tem nove anos. Brinca com seus irmãos e irmã, quando um mendigo lhe pede um pedaço de pão. Sem levar em conta a claríssima recusa de mamãe Bunel, Lucien corre à cozinha, parte um grosso pedaço de pão, põe-lhe queijo e o apresenta ao

mendigo. Este põe a mão sobre a cabeça do menino, dizendo: “Eu sabia, meu pequeno, que tu me darias meu pão; te agradeço, não tenho necessidade, que o Bom Deus te proteja!”.



**A família Bunel**

**(Jacques é o menino da direita)**

Lucien insiste e o ancião prossegue: “Não, obrigado, pequeno, teu gesto me basta!”. Ele desaparece em seguida. Este fato permanecerá gravado na memória do menino como um apelo a jamais se fechar ao outro, a fim de que todo gesto de partilha se torne um encontro de corações. Toda sua vida poderia se concentrar no gesto do pão doado: o pão partilhado com o mendigo pelo menino; o pão sagrado que logo o jovem padre terá entre suas mãos e dará a seus paroquianos e alunos; o último pedaço de pão sempre doado aos mais famintos que ele nos campos de concentração; o pão eucarístico, com risco de sua própria vida, nos campos da morte. Sua vida trará a marca do dom do pão. Ela se realizará no dom do pão. À imagem da de Jesus.

#### 1. Maromme

A primeira experiência de educador na qual o seminarista Bunel trava seus primeiros combates se esboça em Maromme, pequena cidade industrial próxima de Rouen. Lucien tem 22 anos. Está no Seminário Maior de Rouen desde março de 1922 e aí permanecerá até julho de 1924. Durante as férias, ajuda o pároco e ocupa-se com ardor dos filhos dos operários, de cuidar deles até a noite. Organiza um patronato, jogos, passeios, sessões recreativas, tempos de oração e, mais tarde, até colônias de férias. Os meninos sentem a irradiação do seminarista pouco ordinário. Maravilhoso organizador, perfeito ecônomo, nenhum detalhe lhe escapa. Sempre reconhecerá o rosto do Criador no olhar de uma criança. Para ele, “o claro olhar de uma criança de oito a doze anos bem valeria horas de meditação”.



**Primeira Comunhão**

## 2. Le Havre

A segunda experiência aconteceu na vida do seminarista como uma surpresa. Na volta às aulas do Seminário Maior de Rouen, em 1924, sem que ele esperasse, é enviado como supervisor à Instituição São José do Havre. Deverá trabalhar aí sozinho em seu último ano de teologia. Apesar do sacrifício que a decisão lhe custa, o jovem clérigo se põe com ardor a serviço dos jovens.

Prendado de métodos ativos em pedagogia – confiança, contatos pessoais, educação positiva e construtiva – está à vontade nessa corrente de pensamento, inovadora para a época. Não é um professor ordinário. “A aula?”, testemunha seu amigo Jacques Lefèvre, “era uma conversa à maneira de Sócrates, uma maravilhosa descoberta. As paredes de sua sala são decoradas de modo artístico. Quanto aos alunos, eles reconhecem imediatamente nele ‘um professor de exceção, exigente, original, infatigável’.

Mas o clérigo Bunel não era um maravilhoso pedagogo somente durante as horas de aula, era-o durante todo o dia. Partilhando a vida dos jovens pensionistas, brinca com eles durante as recreações, às vezes projeta alguns filmes de Charlot durante a recreação da noite, leva-os a seu quarto para fazê-los seguir a metamorfose em rãs dos girinos que ele cria ou mostrar-lhes os insetos d’além-mar que os amigos lhe deram. Organiza jogos no bosque e ensina-lhes a admirar as belezas da natureza, sobretudo os pores-de-sol sobre o mar. Organiza visitas à fábrica e ao porto, a abadias e lugares históricos. Mesmo os menos dotados não são deixados de lado. Por toda parte onde passa, quis “colocar o Bom Deus a nosso alcance”, reconhece um

de seus alunos. Os meninos se sentem compreendidos e amados. Muitos o procuram como “o amigo ao qual se gosta de confiar os próprios segredos”.



**Na Instituição São José (Havre), em 1924**

Ordenado sacerdote em 11 de julho de 1925 na Catedral de Rouen, à idade de 25 anos, Lucien Bunel conhece enfim a felicidade sacerdotal, à qual aspira desde muito tempo. De repente, inicia um ministério elevado em cores e rico em encontros que alargam seu leque de experiência, tanto mais que adquire o hábito de responder a todos os pedidos. Chamado frequentemente e sempre respondendo, seu estilo impressiona. Sua irradiação fascina. É inovador, já profético em alguma parte.

Todas as qualidades de educador não permanecem somente no interior dos muros da Instituição São José. Em fevereiro de 1928, Padre Bunel torna-se capelão de uma tropa de escoteiros do Havre. No verão seguinte, a fim de poder levar seus escoteiros para acampar em Plymouth na Inglaterra, vende toda sua biblioteca e adquire livro por livro assim que ganha um pouco de dinheiro. Essa generosidade, assim como a solução rápida que soube trazer às querelas ao redor da tropa, desembocam no resultado que todos apreciam: o jovem sacerdote capaz de partilhar os risos, cantos e brincadeiras, de ter sobretudo um olhar crítico e compreensivo sobre a fé, de viver sua fé com simplicidade e literalmente fascinar os garotos quando lhes falava de Jesus.



Um velho camarada escoteiro confidencia: “Padre Jacques mostrou-me Deus na pequena folha de grama que verga sob a joaninha”. O professor fora do comum, o sacerdote sempre de mãos à obra, o pregador infatigável atrai e fascina. “Escutamos olhando-o, porque ele olha além”, diz dele uma mulher de humilde condição. O “sorriso inesquecível”, o “olhar além”, dos quais fala um amigo de infância; o “rádio sobrenatural, irradiando sem cessar em torno dele”, segundo um camarada de regimento tornado amigo íntimo, o jovem sacerdote que aponta a fonte, fazendo imprimir no verso da estampa de recordação de sua ordenação: “Oh! Sim, meu Deus, unir-me tão profundamente a Ti que Te irradie sempre ao redor de mim”.



**Com os escoteiros, em 1929**

O jovem padre não faz nada como os outros: busca seu equilíbrio humano e sua plenitude espiritual em outro lugar, que não no apostolado multiforme, entretanto coroado de sucesso. Ele é lúcido sobre o perigo de um ativismo desmedido. Sabe-se habitado pelo olhar de Deus, que parece chamá-lo a outro lugar. O jovem soldado de Montlignon sonha tornar-se trapista. O infatigável padre do Havre aspira a tornar-se carmelita.

Mas a subida para o Carmelo é rude e resvaladiça. A trajetória de um chamado é uma aventura que exige muito tempo e esforço. O que chamamos “antes” ao nível do tempo cronológico é inseparável da resposta que aquele que é chamado dará a Deus, não de uma vez por todas, mas de múltiplas e sempre novas maneiras. Esta resposta é suscitada por encontros e acontecimentos. Clarifica-se e purifica-se especialmente no dom de si.

Pouco a pouco ele descobre, com entusiasmo, que é possível ser monge e apóstolo por meio da secreta alquimia entre contemplação e ação, uma agindo sobre a outra, mas jamais sem a outra. A via que lhe permite encarnar seu chamado na Ordem do Carmelo abre-se, enfim, depois de três anos de dolorosa espera, impostos pela mediação oficial da Igreja – o bispo da diocese, que hesita em deixar partir esse sacerdote fora do comum.

Em 1º de setembro de 1931, o jovem padre do Havre transpõe enfim a porta do convento dos carmelitas de Lille. Corajosamente, deixa o mundo de múltiplas relações para abrir-se a um outro, do qual ignora os contornos, os desafios, os interesses. Entra com olhos fechados, mas com o olhar do coração em alerta, para fazer face lucidamente à realidade, que ilusão alguma vem adornar. “Entrei no claustro perturbado por lutas penosas e o coração em pedaços”, admite ele. Triturado interiormente, ele está seguro, entretanto, de que ali está seu caminho e que deve segui-lo, ainda que lhe custe.



Reveste o hábito do Carmelo em 14 de setembro de 1931 e recebe o nome de Jacques de Jesus. Como prova desse paradoxo, Deus pede ao coração de carne que está em seu peito caminhar corajosamente sobre o caminho da fé nua e do amor cego, do qual surgirá uma dupla paixão: a paixão por Deus inseparável da paixão pelo homem, a quem comunicará o que contemplou.

“A alma carmelitana é ardente de desejos apostólicos e, quando se encerra à sombra do claustro, não é para desertar, mas para trabalhar com melhor rendimento”, diz em uma homilia. “O carmelita descalço está na fonte da vida. Para nossos tempos de carestia, é o coração mesmo da vida que o Carmelo oferece ao mundo e que constitui sua viva atualidade. (...) Os carmelitas são buscadores de Deus. Como Elias, mergulham no silêncio, e como ele, ao longo do dia, ao longo da noite, contemplam a Deus – uma contemplação viva, onde o coração se alimenta de Deus na obscura comunhão da vida mística. (...) Não nos enganemos. Não é a solidão da esterilidade, nem o silêncio da ociosidade! Essa solidão é povoada da rica vida de Deus. O silêncio é pleno da imensa voz de Deus. (...) O carmelita deve interiorizá-los, a fim de que a cela que abriga seus anos de formação se reconstitua misteriosamente na intimidade de sua alma e ele possa levá-la por toda parte onde a obediência lhe ordenar ir” (Padre Jacques de Jesus, A viva atualidade dos Carmelitas Descalços).

Padre Jacques não hesitará em ir aonde a obediência não tarda em enviá-lo!

### 3. Avon

A terceira experiência do carmelita-educador no *Petit-Collège* de Avon é a mais importante, tanto ao nível de duração – estende-se de abril de 1934 a 15 de janeiro de 1944 – quanto ao nível da maturação de sua personalidade.

Entrando no Carmelo, Deus pede a Padre Jacques renunciar ao dom que Ele mesmo nele semeou. Dizer sim a essa morte interior é sua mais bela resposta a Deus. Mas, apenas agregado à Ordem, eis que esta, pela voz dos superiores, lhe confia a construção de todas as instalações e a direção de uma escola secundária, a pôr em ordem em alguns meses. O ideal carmelitano não se define pela educação e ele tem consciência disso: não entrou no Carmelo para dirigir um colégio. A fundação do *Petit-Collège* de Avon representa, ao mesmo tempo, uma realização e um sacrifício. Realização para o educador que é e continua a ser, renúncia para o carmelita que se torna.

Os inícios são difíceis. É uma verdadeira criação: parte do nada para dar uma “alma” a essa casa, caracterizada por um verdadeiro espírito de família, feito de simplicidade e confiança. Ao fim da visita aos locais com uma família, um dos professores escreveu: “Somem tudo: colégio moderno, água, gás, eletricidade...e o Padre Jacques em todos os andares”. Materialmente, moralmente, intelectualmente e espiritualmente, ele é a alma da casa. Trabalha e faz trabalhar. É para todos, dá-se a todos.

Despertador, líder de jovens, educador da inteligência e da liberdade, Padre Jacques forma jovens responsáveis, abertos e acolhedores aos outros e a Deus. Seu objetivo pedagógico está claramente enunciado: “formar homens... homens livres... santos”. Pontua a caminhada pedagógica, mas não exclui a boa formação “humana”, completa, até a santidade. Reconhece a criança como uma pessoa inteira, entabulando com ela uma conversa de pessoa a pessoa. Sabe depositar sobre cada um deles um olhar de estima e de confiança. Revela o “mais” que está em cada um.

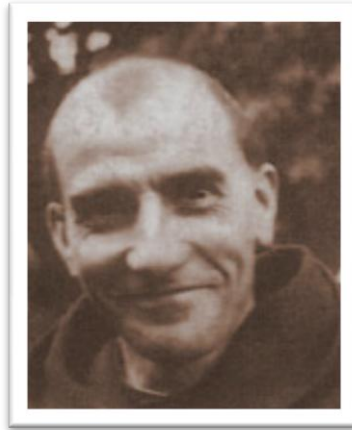


Em Lille, com antigos alunos da Instituição São José, do Havre

Para fazer um homem capaz de realizar todas as suas aptidões, Padre Jacques tem a preocupação de formar o espírito do jovem no gosto do belo, por meio de uma formação literária, artística e musical. Para ajudar cada um a encontrar seu próprio caminho através de suas capacidades pessoais, organiza conferências de orientação profissional e cultura geral. Tem a mesma preocupação de velar pela educação afetiva dos jovens, iniciando-os no “mistério

da transmissão da vida”. Também educa seus alunos à relação pessoal com Deus. Para atingir esses objetivos, Padre Jacques mostra-se criativo em seus métodos pedagógicos e coloca em obra meios vanguardistas para a época, tais como a leitura espiritual à noite e ao fim do estudo, o sistema de grupos e os jogos noturnos.

Por seu olhar, expressa todas as linguagens do coração, passando da aprovação confiante à reprovação muda, da surpresa cúmplice à admiração gratuita, da atenção perspicaz à compaixão encorajadora. Nada fala mais forte que seu olhar, e sua linguagem é compreendida por todos.



“Os olhos de Padre Jacques são um resumo sugestivo dos dez primeiros anos de Avon. Esse olhar é de uma expressividade extraordinária. É que toda a afetividade de Padre Jacques passa por seus olhos. Não lhe restam mais que seus olhos e suas orelhas. Ora, as orelhas lhe servem bem menos que os olhos. E como possui uma afetividade poderosa, transmite por seus olhos toda uma riqueza de impressões, de sensações que fazem dele um artista dos olhos. É o homem que pinta as paredes com cores escolhidas, que expõe quadros de mestres, visita salões de pintura, coleciona imagens em superfície plana e em relevo, busca em todas as partes a cor, até nos uniformes esportivos. Por seus olhos passa todo seu julgamento. Seja para dirigir uma tática de jogo, indicar um esquema mnemotécnico, organizar um coro, julgar uma fisionomia, Padre Jacques é mestre. Seus olhos são, pois, o corredor da afetividade, da inteligência, da arte e do julgamento. O que impressiona é que eles tinham o poder de fazer tremer as crianças e os adultos e, como diz a lenda, fulminar os adversários de combate” (Louis Massé, aluno do *Petit-Collège* de 1934 a 1942, citado pelo Padre Philippe em *Le Père Jacques, Martyr de La Charité*, DDB, p. 229).

O jovem professor da Instituição São José do Havre não se contenta com seu trabalho de inspetoria e magistério. Da mesma forma, o carmelita-educador do *Petit-Collège* de Avon não se contenta com sua responsabilidade de diretor e professor. Raramente recusa uma solicitação de ministério. Não teme os longos deslocamentos para dizer missa, pronunciar um sermão, reconfortar com sua presença. Desempenha sua missão de carmelita pelas pregações nos Carmelos e outras comunidades religiosas e nas mais diversas paróquias, pela animação de retiros, acompanhamento espiritual, confissão. Seu apostolado junto aos leigos é tão variado quanto intenso. Ele está disponível a todos os chamados e a todas as pessoas.



Ao lado de seu apostolado pela palavra, há sua correspondência vasta e variada. Sua linguagem clara, simples, direta, sem nenhuma busca de efeito de estilo, é a linguagem do irmão, do amigo, do confidente que deixa falar seu coração e que vibra, também ele, com todo seu ser sensível. Seu modo de ser carmelita, sua maneira de viver, de ensinar, de falar, de escrever, encarna o carisma carmelitano autêntico e irradiante.

A presença do “outro” percorre como um fio condutor através de toda a existência do Padre Jacques, quer se trate daquele que é outro ao nível social, educativo e religioso. Ele é atraído pelo que é diferente. Ao longo de toda sua vida, ele se volta, assim, pela escolha de seus atos, como padre e como carmelita, para os homens de toda categoria social, política e religiosa.



**Comunidade dos carmelitas de Avon em 1941**

**(Padre Jacques está na primeira fila, sendo o terceiro a partir da direita)**

No rastro da vida de Padre Jacques, três etapas relativamente curtas, mas carregadas de sentido, contribuem para forjar sua personalidade humana e espiritual. Sua missão pessoal de carmelita realiza-se num “claustro” de dimensões sempre mais largas. Essas três etapas representam quatro anos e meio de sua vida e lhe permitem também aprofundar bem o sentido do essencial e o sentido do humano.

#### 1. Montlignon: soldado

Concluindo o segundo grau, Lucien entra no Seminário Maior por alguns meses somente, já que deverá deixá-lo para cumprir seus dois anos de serviço militar no Forte de Montlignon, próximo de Paris. Ele aí mostra já seu senso de dever, de serviço e de relação. Destaca-se por fazer-se apreciar pelos jovens mais anticlericais, ainda mais que por ganhar seus galões de *maréchal-des-logis-chef*. Continua também a estudar à noite, em um aposento que uma família colocou à sua disposição e para onde levou seus livros. Sem renegar em nada o seminarista que é, quer dar sentido ao que é obrigado a viver. Não se contenta em sofrer os acontecimentos, interpreta-

os para tirar proveito à sua formação humana. Lança-se aí com sua generosidade habitual, seu impulso juvenil e seu ardor refletido. Faz amizade rapidamente com os jovens soldados prestes a maltratar o “cura” de batina que, bem depressa, impõe-se sobre eles simplesmente por aquilo que é. Não se contenta somente de velar pelo bem-estar físico, mas desperta sua inteligência, estimulando seu espírito. Cria uma atmosfera familiar, recebe confidências e está ele mesmo atento às situações de vida tempestuosa de seus camaradas. “Sua ação era discreta, era um ‘catalisador’ atuante somente por sua presença ou, como eu lhe dizia, espetando-o, ‘um rádio sobrenatural’, irradiando sem cessar em redor dele”, confia seu fiel amigo Antoine Thouvenin.



## 2. “Guerra estranha”: soldado e prisioneiro

A segunda etapa surpreende Padre Jacques em sua vida de carmelita e educador em Avon, quando é chamado a prestar serviço militar durante a “Guerra estranha”. É mobilizado no leste da França, de 3 de setembro de 1939 a junho de 1940, depois feito prisioneiro em Lunéville de junho de 1940 a 18 de novembro de 1940. A atitude de Padre Jacques é uma réplica e um aprofundamento daquela que já tivera em Montlignon. Ela é preliminar de uma outra, bem mais cruel agora. A guerra sempre importuna. Mas ele a integra como processo de maturação e a acolhe, encontrando nela uma espécie de aventura, onde se sente chamado a dar o melhor de si mesmo.

Faz experiência tanto da miséria quanto da grandeza do homem. A guerra é, para Padre Jacques, uma grande experiência humana junto aos homens com os quais partilha a vida, o sofrimento, a esperança. Tem para eles um coração de mãe. É verdadeiramente um deles. Com seu senso pedagógico, consegue fazer da bateria militar uma grande família. Luta contra a decadência moral causada pela inatividade. Mobiliza o espírito de grupo de seus camaradas, editando com eles um jornal para a bateria, chamado *Central-Ecoute*. Ele mesmo escreve os editoriais e uma série de artigos concernentes à maneira de viver a guerra como homens. Há também as vigílias, as conversas familiares difundidas como ondas, as reuniões tratando de teologia, de sociologia e espiritualidade, as missas celebradas nessa paróquia improvisada. Por sua própria iniciativa, utiliza o tempo para ler e nutrir sua vida espiritual, navegando na oração silenciosa e soltando-se na beleza da natureza, apesar do rigor do inverno.

De volta ao *Petit-Collège* de Avon em novembro de 1940, Padre Jacques retoma seu trabalho de educador. Se o diretor de antes da guerra pôde ter como *leitmotiv* pedagógico “Confiança e Liberdade”, aquele de após 1940 prefere dizer “Cultura e Vontade”.

De imediato, rejeita os acordos de Munich, que violentam os direitos do povo da Checoslováquia, e adota uma posição de resistência espiritual diante dos princípios nazistas, baseados em fundamentos filosóficos neo-pagãos, bem antes de entrar na Resistência francesa organizada, com o consentimento de seu superior. Os fatos reais estão ali e é-lhe difícil admitir a zona ocupada desde maio de 1942, o porte obrigatório da estrela amarela (que priva do direito à vida todos os homens, mulheres e crianças que contem três ascendentes de origem judia) e o envio de jovens ao STO.

O que lhe é intolerável é a injustiça sob todas as formas, quer ela se exprima pela proibição de um aluno partilhar suas provisões pessoais com um camarada ou traduza-se em discriminações oficiais da parte das autoridades. Para Padre Jacques, trata-se de moral bem mais que de visão política. Durante meses, busca e encontra esconderijos nas famílias para jovens procurados pelos alemães. Durante meses empenha-se em munir de falsos papéis a numerosos refratários ao trabalho obrigatório na Alemanha. Durante meses fornece pistas, levando às montanhas ou albergues da Espanha aqueles que o regime quer prender. O reflexo mais visível dessa ação subterrânea de resistência à ideologia nazista é a hospedagem de três meninos judeus no *Petit-Collège* de Avon durante o ano escolar de 1942-1943. Com toda lucidez, sabe do perigo que corre e tem o consentimento de seu Provincial, Padre Philippe.

A jornada de 15 de janeiro de 1944 começa na calma rotineira de uma jornada de colégio, quando ruídos de botas nos corredores dão o alerta. Policiais nazistas, munidos de um mapa do local, do nome das crianças e do horário exato, chegam com força e fecham o *Collège*. Eles sabem exatamente o que devem fazer. Vão diretamente às salas onde se encontram os três meninos judeus. O próprio Padre Jacques é detido no meio da aula de francês para os alunos maiores. As crianças com os professores são agrupados no pátio, por uma interminável convocação. Os alemães estão por toda parte, o colégio está lacrado.

Os três pequenos judeus, aterrorizados, encurralados pelos nazistas, deixam o colégio e morrem algumas semanas mais tarde na câmara de gás de Auschwitz. Quando Padre Jacques aparece no alto da escada entre dois homens da Gestapo, uma boina castanha sobre a cabeça, uma mala na mão, calmo, sereno e sorridente, olha as crianças, para no alto da escadaria e lhes grita: “Adeus, crianças, até logo! Continuai sem mim!”

### 3. Carmelita-deportado: 15 de janeiro de 1944 – 2 de junho de 1945

A terceira etapa é a do carmelita deportado pelos nazistas. A partir de 15 de janeiro de 1944 até 2 de junho de 1945, as estações do caminho de cruz do Padre Jacques chamam-se: a prisão de Fontainebleau e o campo de Royal Lieu, próximo a Compiègne, na França; o campo de represálias de Neue Breme, perto de Sarrebrück, na Alemanha; o campo de concentração de Mauthausen e de Gusen, na Áustria; e, finalmente, o hospital de Linz, onde morrerá algumas semanas após a libertação dos campos pelos americanos.

Padre Jacques descobrirá “um claustro com suas próprias dimensões”. Na prisão de Fontainebleau, nasce a seu verdadeiro apostolado: “são necessários padres nas prisões, se vós soubésseis...!”. A um companheiro de cativeiro confia: “Não quero partir, há muitos infelizes, muitos sofrimentos, eu o sinto, é preciso que eu permaneça. Pobre Charles, tu, tu tens família, eu sou sem vínculos, é meu ofício sofrer. Oxalá me deixem meu burel e meu altar”.

Faz de sua cela de prisioneiro um oratório pessoal, mas também um centro de caridade e de fraternidade. Até no pequeno corredor triangular de passeio organiza conversas, como se estivesse no *Petit-Collège*, no Havre, em Montlignon ou em Remenoncourt. Em 6 de março de 1944, com uma trintena de prisioneiros, é levado em caminhão para o campo de Royal Lieu, perto de Compiègne. Lá também organiza reuniões de oração e conferências para todos, católicos e comunistas. “Não me interessa encontrar apenas cristãos. São os outros que quero encontrar”. Os comunistas aplaudem freneticamente o religioso que, trepado sobre um tamborete, lhes dá aulas de catecismo. Fala de educação dos filhos, casamento, respeito do corpo, sentido da família, papel do Estado, educação e da lei suprema – o amor de Deus e o amor do próximo. Uma centena de detidos de Compiègne se junta a ele todas as noites para rezar o terço.

É então classificado na categoria N.N. (Nacht und Nebel), duas iniciais que indicam o anonimato definitivo ao qual os nazistas condenavam aqueles que precisava fazer desaparecer a todo preço. No fim de março, Padre Jacques é transferido ao campo de represálias de Neue Breme, próximo a Sarrebrück, o campo de morte de onde ninguém devia sair vivo. Ali, o horror da tortura sádica desafia toda imaginação: procissão infernal ao redor de um reservatório durante longas horas, passeio sobre as muretas carregado de uma viga de seis metros sobre os ombros, completamente nu, a proibição de falar.

A cozinha dos doentes é transformada desde que Padre Jacques recebe a responsabilidade por ela. Os enfermos recebem o que esperam: um pouco mais de nutrição e de reconforto moral. Padre Jacques prodigaliza-os com uma tal generosidade e tal esquecimento de si mesmo que até Hornetz, suboficial do campo célebre por seus crimes, está como que rendido. Após três semanas, é deportado a um outro mundo de barracões superpovoados, no campo de concentração de Mauthausen, na Áustria; depois ao campo de Gusen I, um dos campos satélites de Mauthausen. Arrancam-lhe seu hábito de carmelita, que não revestirá até sua morte, e põem-lhe o uniforme listrado dos presidiários. Ele não cruza os braços. Dá tudo: sua nutrição já insuficiente, seu tempo, seu sono. Dá-se a si mesmo até o fim. À imagem de Cristo.

Padre Jacques é o “Profeta do Sentido”, que ajuda a manter-se de pé e permanece livre interiormente, ainda que o corpo esteja agrilhado, aniquilado. Na prisão e nos campos, mostra seu sentido de combate pela dignidade do homem, pois compreendeu desde muito tempo que o que está em jogo na Segunda Guerra é o sentido mesmo do homem. Como em 1928, quando, durante uma estadia com seus escoteiros na Inglaterra, Padre Jacques pressentira a urgência do ecumenismo, transforma os barracos em verdadeiros laboratórios de ecumenismo. Sob seu olhar de compaixão, os co-detentos tornam-se um grande corpo fraterno. Não há mais judeu nem espanhol, nem francês ou polonês, nem comunista ou católico sob o olhar do carmelita que

sulca as barracas onde se concentram todas as raças, línguas, povos e nações e onde a fome, a solidão, a exclusão gravam traços indeléveis nos corpos e nos espíritos.

As diferenças raciais são como pulverizadas pelo sopro de justiça, que o faz buscar a um e outro incansavelmente. Encontra todos, em sua diversidade, sem preconceitos, sem *a priori*. É uma figura de reconciliação entre judeus e católicos, franceses e poloneses, comunistas e cristãos. Com todos, indistintamente, fala, escuta sua linguagem de gritos sufocados e suspiros exalados. Ele sabe que pertencem todos à mesma pátria: tu sofres, portanto nós somos da mesma raça. Esse homem aceitou, sem se queixar, com resignação e até mesmo humor, os socos e pontapés, os golpes de cassetete e todas as espécies de humilhações sórdidas, tanto em Sarrebrück quanto em Gusen.

Esse homem tinha a força de privar-se das magras rações alimentares para permitir algumas horas a mais de vida ao mais fraco e ao mais jovem que ele. Quantos franceses, italianos, poloneses, judeus, comunistas devem a ele uma porção de pão e a graça de sair vivos daquele inferno! É também o educador que chega aos campos. Seus olhos pousam de imediato sobre os mais jovens, os mais fragilizados. Tem êxito em despertar o pensamento e a reflexão nesse lugar demencial, onde o homem é rebaixado a um objeto. Fala e discute sobre tudo, salvo sobre a morte onipresente.

Esquecer onde estava! Foi o que Padre Jacques conseguiu fazer com certos companheiros de Gusen. Imperturbavelmente, continua seu ofício de professor e, com risco de sua vida, proporciona até livros para os poloneses ou espanhóis. Nesta Babel infernal, apenas nutrido, revestido de trapos, discute o pensamento de Leibnitz com um jovem francês no End Kontroll, a casa onde deve verificar as peças de fuzis durante onze horas por dia. A luta pela cultura intelectual é um ato de resistência tão necessário como alimentar-se.

Esse homem tinha a força espiritual de privar-se dos poucos tempos de repouso, empregando-os em escutar, consolar, reconfortar, confessar depois de doze horas de trabalho extenuante na Usina Steyr. Não vacilou - apesar do medo da corda, da câmara de gás, da força - em celebrar várias vezes a Eucaristia em presença de seus camaradas crentes e de fazer descer o Cristo naquele lugar de miséria, desafiando todas as proibições, protegido por seus companheiros comunistas, que montavam guarda para escapar à vigilância dos SS. Foi nos campos que respondeu, do mais profundo de si mesmo, a sua vocação de homem de oração. Diziam que "sua presença era a prova do Deus Vivo".

Esse homem lançou pontes entre o Evangelho e a atualidade do inferno da concentração pela qualidade de seu olhar e do completo dom de si. Esse homem transformou os outros. Deu a resposta do Evangelho, a resposta de Cristo, que se dá até o fim. Salva a fé em Deus, salvaguardando, por outro lado e contra tudo, a fé no homem. Padre Jacques salvou o homem todo. Naquela sociedade carcerária, edificada sobre falsos valores, Padre Jacques permaneceu grande também no interior, quando estava descarnado em seu corpo. Numerosos são os companheiros de detenção que testemunham sua força profética. Anotamos um dos numerosíssimos testemunhos: "Atraía a estima e a confiança, não somente dos crentes como dos adversários, que não falavam dele senão com um profundo respeito, assim como ele fazia em todos os meios sociais. Amava de toda sua alma compartilhar a miséria de seu próximo, ser

bom a respeito de todos, amigos ou adversários; popular, ele o foi, tendo em vista a consideração rendida por todos quando caiu doente” (M. Passagez).

Em 5 de maio de 1945, os americanos libertam o campo de Mauthausen e Gusen. Mas a libertação segue na anarquia. Padre Jacques é requerido pela organização de socorro. Ardente de febre, continua valentemente sua tarefa como presidente do Comitê francês de Mauthausen e trabalha dezoito horas por dia. Pressionado por seus amigos, enfim consente em internar-se na enfermaria de Mauthausen. É lá que as duas enfermeiras da Armada francesa, que se dedicam a repatriar os 1250 franceses sobreviventes de Mauthausen e Gusen, o encontram.

Elas anotam o grito unânime dos co-detentos: “Salvai o Padre Jacques!”. Farão tudo que está em seu poder. Ele quer ser solidário com todos até o fim e, assim, recusa voltar à França graças a um regime de exceção devido a sua condição de sacerdote. Tem cinco recaídas no espaço de apenas um mês. Padre Jacques é transferido da enfermaria do campo, onde ocupa um apartamento privado, ao campo francês de Linz, ao hospital austríaco das Irmãs de Santa Isabel, em um quarto comum e tranquilo, onde suplica: “Para os últimos momentos, deixem-me só!”. A tuberculose avançada ganha terreno rapidamente naquele corpo enfraquecido ao extremo. Na noite de 2 de junho de 1945, Padre Jacques entrega seu último suspiro nas mãos do Criador.



**Frei Jacques em seu leito de morte, em Linz**

Até o último instante, e mesmo na maneira com que olhará de frente a doença que devia levá-lo, deu uma lição de grandeza, de dignidade, de humanidade. Todos os seus compromissos anteriores encontram sua realização nos campos de horror. Ele foi e é plenamente irmão, amigo, sacerdote, educador, congregador, apóstolo, homem de oração.

Em 26 de junho de 1945, em um radioso dia de verão, Padre Jacques retorna a seu *Petit-Collège* e os habitantes do *Petit-Collège* reencontram seu diretor que, dezessete meses antes, tinha-os deixado em um dia glacial de inverno.

Após a cerimônia religiosa, os Padres Carmelitas, em capas brancas, alunos e parentes de alunos, professores, camaradas de deportação, numerosos sacerdotes, autoridades e habitantes de Fointanebleau–Avon acompanham o ataúde de Padre Jacques através do pátio para chegar ao pequeno cemitério do convento, situado contra o muro do castelo de Fontainebleau. Como canto de adeus, entoam, sob o sol radioso, o Hino à Alegria, de Beethoven.

Padre Philippe, tornado provincial, pronuncia uma breve alocução. No momento preciso, diz: “Padre Jacques falava da morte como um dia de luz, animado pelo canto dos pássaros”. Viam-se vários rouxinóis volteando ali perto, sobre o caixão, gorjeando freneticamente. O canto de esperança, enlevando a multidão de corações destroçados, e o canto de alegria dos pássaros, não seriam também a assinatura de Padre Jacques de Jesus?

A criança que já exprime a verdade do dom de si nas pequenas coisas; o adolescente que busca o sentido da sua vida e do seu caminho; o seminarista que busca a verdade através dos estudos como através dos rostos das crianças, verdadeira escola de oração para ele; o adulto que deixa sua vocação de educador e pregador para entrar no Carmelo, onde lhe será pedido, por fim, fundar um colégio; o educador que liberta o jovem, dando-lhe confiança em si mesmo; o carmelita contemplativo sedento do rosto de Deus, buscado na fé obscura: todas essas facetas de sua personalidade deixam entrever um homem habitado por duas paixões – a paixão por Deus e a paixão pelo homem.



Padre Jacques é um ser apaixonado por Deus e pelo homem. Viveu no dom de si até o extremo, à escuta da presença de Deus e à escuta do sofrimento de todo homem. Partilhou: o pão cotidiano para o corpo, o pão do conhecimento para o espírito, o pão da palavra humana e o pão da Palavra de Deus. De uma multidão faminta de pão e de sentido, composta por crianças, jovens, paroquianos, soldados, alunos, resistentes e deportados, Padre Jacques conseguiu fazer dela uma comunidade de mesa e de vida. Padre Jacques é habitado por rostos e nomes incontáveis, por gritos e silêncios inomeáveis.

Para todos irradiou sua felicidade de dar-se, dando sua vida, seu tempo, sua escuta, sua energia, sua inteligência, seu pão, seu espírito. Uma força profética emana de Padre Jacques de Jesus, plenamente homem entre seus irmãos de humanidade; plenamente carmelita, ao lado dos que o precederam na montanha do Carmelo; plenamente testemunha, à imagem de Cristo.

No memorial de Yad Vashem, em Jerusalém, Frei Jacques é honrado pelos judeus como “justo entre as nações”.



O processo diocesano informativo para a canonização de Frei Jacques de Jesus foi aberto em 29 de abril de 1997, na diocese de Meaux (França).

#### Oração pela beatificação de Frei Jacques de Jesus, OCD

Pai de infinita bondade, destes a Frei Jacques de Jesus, desde sua infância, o desejo de amar-Vos e amar todos os homens com um coração indiviso. Vós o enchestes de dons para a educação dos jovens, o escolhestes como sacerdote e o chamastes à Ordem do Carmelo e à miséria desumana nos campos de deportação. Fizestes dele testemunha ardorosa da fé e do amor até o dom total de sua vida. Outorgai-nos as graças que Vos pedimos por sua intercessão. E, se tal for Vossa vontade, glorificai-o em Vossa Igreja. Por Vosso Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.

As graças recebidas por intercessão de Frei Jacques poderão ser comunicadas a:

*Vice-Postulation de la Cause de Père Jacques*

*1, Rue Père Jacques*

*77215 AVON Cedex*



## FLORILÉGIO ESPIRITUAL DE FREI JACQUES DE JESUS

### ***Sobre a esperança***

É raro encontrar alguém que se acuse de faltas contra a esperança. Dúvidas contra a fé, infrações à caridade, faltas como roubo, impureza, maldade, cólera, gula e todas as outras são ouvidas no confissãoário. Mas as faltas contra a esperança – e particularmente contra o abandono à Providência de Deus – são encontradas bem raramente. E, no entanto, essas são, talvez, as mais sensíveis ao coração de Deus, pois são aquelas que ferem o que há de melhor no coração de Deus. Excuso-me de empregar expressões que parecem fazer de Deus um ser semelhante a nós, mas é bem necessário usar de nossa linguagem humana, que não está à medida de Deus.

Deus é todo amor, e quantas vezes Cristo disse e repetiu isso! Não diz “o Bom Deus”. Deus é bom, e as faltas de confiança são as faltas diretamente opostas a esse atributo de Deus. É como se dissessem ao Bom Deus: “Vós não tendes coração!” Cada segundo que nós vivemos, um após o outro, que nos prolonga na existência, nos é oferecido pela mão criadora e todo-poderosa de Deus; quando compreendemos isso, quando vivemos num estado real de abandono (mas real, não num estado fictício), todos os dias, sem jamais sair desse estado, temos à nossa disposição uma maneira nova, incessante de comungar com Deus.

Há duas maneiras de comungar. Há a maneira sacramental: recebendo a Hóstia, que nos permite trazer conosco o Cristo presente em nós. Há outra maneira que não cessa jamais: é Deus se apresentando a nós através de cada segundo que vivemos; Deus que vem a nós sob o rosto de um trabalho, dos homens, da dor, da alegria, (...) é Deus que vem a nós, mas nós não sabemos, não queremos ver nem saber que é Deus que vem a nós assim; e que, qualquer que seja o rosto sob o qual Ele se esconde, qualquer que seja a vestimenta que reveste para se apresentar a nós, é Deus sábio, Deus todo-poderoso, Deus pleno de amor.

(Retiro no Carmelo de Pontoise, setembro de 1943)

### ***Ser atento à presença de Deus***

Em primeiro lugar, coloquemo-nos na santa presença de Deus! Deus está ali! Há aqui perto de mim, nesse momento, invisível, mas real, um ser vivente. Esse ser é Deus! Não somente esse ser misterioso está perto de mim, ao meu lado, mas está em mim, no mais íntimo de minha alma. E a Trindade repousa em meu coração. Eu sou um portador de Deus. Aqui, em mim, silenciosamente, o Pai - infinito, eterno - engendra seu Filho - Verbo vivo, infinitamente vivo, imagem de Seu Pai. E do Pai e do Filho procede essa torrente de amor que os une e que é o Espírito Santo. Ó mistério inefável! Eu, pequeno nada, sou possuidor dessa realidade, que é Deus! Ó meu Deus, ser vivente em mim, olho para Ti, sorriso para Ti - como Tu mesmo olhas e sorris para mim - e Te adoro! (...). “Meu pequeno, minha criança: tu, que saíste de minhas mãos criadoras; tu, a quem insuflei uma alma vinda de mim; tu, que poderias ser meu escravo sem que

degeneres. Eu gostaria que tu fosses meu amigo! Tu sabes o que é um amigo, tu conheces que doçura ele derrama em um coração, que encanto ele dá, que tranqüilizadora influência ele semeia sobre a vida! Queres ser meu amigo?” (Meditação de 10 de junho de 1926)

Provai viver sempre em presença do Bom Deus e sob o olhar da Santa Virgem. Eles estão sempre ali, por toda parte, no trem, na rua, em casa, no vosso quarto. Vós trazeis Deus em vós. Às vezes, em vosso quarto, quando estiverdes sós, colocai-vos de joelhos por um instante, cruzai os braços sobre vosso peito, para abraçar, adorando, o Bom Deus, misteriosamente presente ali, em vós (Meditação de 12 de junho de 1933).

### ***Deixar-se invadir pelo Amor***

Nosso tempo não tem o valor que vale aos olhos do Bom Deus. Ora, o Bom Deus não olha para o que somos ocupados, mas o amor que pomos em fazer o que fazemos. (...) Não sejamos jamais atarefados, mas amemos muito (carta a Jacques Lefèvre, em 1932).

Ide diretamente ao encontro de Deus por meio de um dever de estado lealmente realizado com superabundância do amor de Deus. Que vossa alma se deixe invadir por Deus (Carta de 31/10/1935 à Sra. Isabelle).

Semeemos, semeemos, a mãos cheias, semeemos amor, imensidades de amor, para colher ramos infinitos do amor de Deus no Céu! (Carta de 18/05/1934 ao Carmelo do Havre).

Amar, amar até a loucura, amar até transformar tudo em expressão de amor, até tornar-se totalmente criancinha do Bom Deus, inteiramente abandonado a seu bel-prazer, e aceitando tudo d’Ele com um igual sorriso de reconhecimento: as penas, as alegrias, a saúde, a doença... tudo, absolutamente tudo (Carta de 7 de fevereiro de 1933 a Jacques Lefèvre).

### ***Crer no Espírito Santo***

O Espírito Santo!... Pessoa misteriosa que, em Deus, é um laço de amor. Uma Pessoa que é amor subsistente. Uma Pessoa que é toda amor em Deus. O Espírito Santo, vindo em nós, é a passagem de Deus em nós, é habitação de Deus em nós. Damo-nos conta de que Deus está ali, conosco; que o Céu não é um lugar determinado: ele está em nós, o Céu está em nós, é nossa alma portando Deus. (...)

O Espírito Santo, Pessoa misteriosa, pessoa que desconcerta nossas possibilidades de compreensão, que não é mais que um sopro infinito de amor, está aqui em nós, vive em nós, repousa em nós. Sejam acolhedores ao Espírito Santo, sejam desejosos de sua vinda. Sejam silenciosos para deixá-Lo estabelecer-se em nós, para que todo nosso ser, nossa alma, sejam impregnados da presença do Espírito de amor, que nos arrastará no ciclo imenso da vida trinitária. (...)

Não há mais que um Ser que possa ensinar e ensine de maneira viva: o Espírito Santo! O Mestre da oração não pode ser outro senão o Espírito Santo, o Espírito de amor, o sopro de amor. O Espírito Santo, que é a imensidade do amor de Deus, que é o laço de amor que faz com que o Pai contemple o Verbo, o Verbo contemple o Pai, e Eles se abracem imensamente no Infinito da Pessoa do Espírito Santo, que realizou sobre a terra todas as obras de amor. (...)

Nós damos ouvidos às lições vivas do Espírito Santo, que é o único mestre da oração; que, numa ação discreta, nos arrastará sempre mais longe na intimidade com Deus; que nos envolverá cada vez mais? Ser misterioso que nos envolve. (...)

(extratos do Retiro de Pentecostes de 1941)

### ***A Trindade***

#### **Homilia proferida durante um casamento**

Eu vos uno.

Eu vos uno em nome do Pai. No mistério da vida íntima de Deus, o Pai designa a pessoa divina que engendra. Convém, portanto, pedir a bênção do Pai, fonte de toda vida, sobre vós, que ides receber a faculdade de dar a vida. “Dar a vida não é, para um pobre ser humano, uma grande honra e também uma grande felicidade? Quanto, pois, suplico ao Pai fazer-vos compreender e apreciar a felicidade delicada e profunda que tereis de ser doadores de vida! (...)

Eu vos uno em nome do Filho. O Filho é o Verbo que se encarnou, o qual, tornado Cristo, caminhou em nossos caminhos, comeu nosso pão, dormiu nosso sono, mas também chorou nossas lágrimas. Para as horas em que vos visitar a dor, sob formas imprevisíveis, de toda minha alma quero rogar ao Filho – o Filho que sofreu nossos sofrimentos – que vos abençoe, para que, nas horas de provação, continueis a crer sempre na felicidade da vida e para que vos seja uma força e um consolo a doçura excelente de vosso amor mútuo. (...)

Eu vos uno, enfim, em nome do Espírito Santo. Como é necessário que vos abençoe o Espírito Santo, para derramar sobre vós alguma coisa de seu imenso amor, pois o lar que vós fundais, nascido do amor, não poderá durar se não está banhado em uma atmosfera de amor. Em Deus, o Espírito Santo é um sopro infinito de amor que une o Pai ao Filho. Ah, sim, como é necessário que o Espírito Santo vos abençoe abundantemente, para que vosso amor seja o amor duradouro criado por Deus.

### ***Educação***

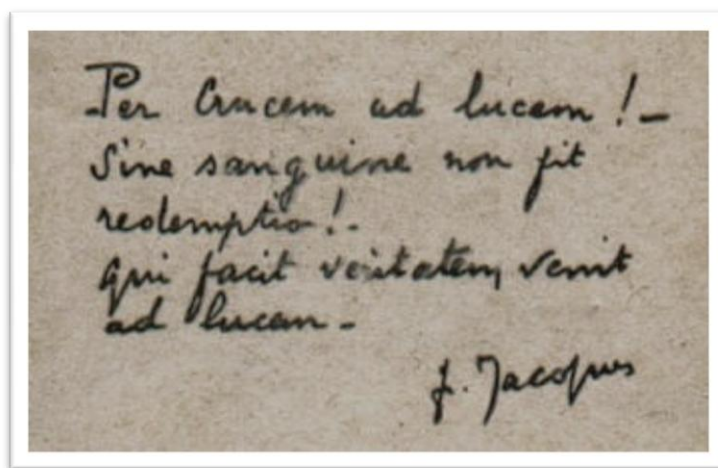
A educação verdadeira, a única que dá resultados completos e definitivos, consiste em ensinar as crianças a fazer uso de sua liberdade. Creio que está aí o ponto capital. É preciso saber que a criança é um ser nascido para ser livre, que prontamente está consciente e ávida de sua liberdade, que não admite que toquem nesse bem mais precioso de seu ser. (...)

A criança deve sentir no educador esse respeito verdadeiro e profundo de sua liberdade; na ocasião propícia, o educador insistirá para que a criança tome uma consciência mais clara dessa liberdade. Depois, em um trabalho - que se exerce mais pela ação discreta e silenciosa da presença que pelas repreensões - ele explica afetuosamente a seu aluno como deve, livremente e voluntariamente, submeter-se a um regulamento para formar sua vontade e assegurar o bom funcionamento da vida em sociedade. Explicar-lhe o porquê da obediência, sua grandeza. Sublinhar bem que homem algum tem o direito, enquanto homem, de comandar o outro; mas que toda autoridade é uma delegação da autoridade divina e que toda obediência, em definitivo, é uma obediência que remonta a Deus. Ir sempre ao fundo das coisas; abrir largos horizontes. Pouco numerosos são os educadores que têm essa flexível discricção de ação, que sabem caminhar, não à frente, mas atrás do aluno, para deixá-lo ir a seu passo e não intervir senão quando há perigo de erro que resultará em um menor crescimento moral. (...)

Em alguns anos sereis educadores, porque sereis pais de família. Deveis saber vosso ofício. E esse ofício comporta essa exigência inata: respeitar a pessoa da criança, seu impulso vital, sua liberdade! Vosso papel será não de tolher a liberdade vivaz de vossos filhos, mas de ensinarlhes, seguindo-os passo a passo, em um clima de confiança, a utilizar sempre melhor sua liberdade de homem.

(Boletim Ainda em família, nº 2, p. 9-11, fevereiro de 1943)

### ***Seu testamento espiritual***



**“Pela Cruz à luz, não há redenção sem efusão de sangue. Quem pratica a verdade vem para a luz”.**

Alguns dias antes de deixar o campo de Gusen por aquele de Mauthausen, Padre Jacques escreve algumas linhas em latim e oferece-as a Paco (Francisco) Lopez, espanhol, e a Wacek, polonês. Deixa assim a seus amigos um sinal de amizade e esperança nesse lugar onde a morte os espreita a cada instante.

Por essas palavras, é uma espécie de testamento espiritual que Padre Jacques deixa a seus amigos. Essas palavras brotam de seu coração de sacerdote, habitado pela Palavra de Deus. Elas são o amadurecimento de toda uma vida.

A primeira frase traduz toda a fé e esperança do Padre Lucien Bunel, evoca o mistério pascal – mistério de morte e de Ressurreição -, deixando a última palavra à Vida. Que força de esperança nesse lugar de horror indizível! Que proclamação de fé na vitória do Cristo!

A última frase é uma citação literal do Evangelho segundo São João (3, 21). Podemos simplesmente notar que ele escreverá essa frase em seu Novo Testamento, na página 330, em frente aos versículos 30 e 31 do capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos, quando Cornélio narra sua oração e a aparição do anjo.

A última frase é uma citação literal do Evangelho segundo São João (3, 21). Podemos simplesmente notar que ele escreverá essa frase em seu Novo Testamento, na página 330, em frente aos versículos 30 e 31 do capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos, quando Cornélio narra sua oração e a aparição do anjo.

Um primeiro indício aparece no fato de que, em seu Novo Testamento, Padre Jacques sublinhou com dois traços paralelos as palavras da Carta aos Hebreus e escreveu na margem: “O sangue de Jesus Cristo, oferecido uma única vez e eficaz para sempre”. Um paciente trabalho de busca nos diversos escritos do Padre Jacques nos permitirá que é exatamente esse extrato da Epístola aos Hebreus que ele pretende citar aqui.

Em um sermão sobre Santa Joana D’Arc, proferido na igreja São Vicente de Paulo, do Havre, em 8 de maio de 1927, ele dizia: “Ah, depois de seu sacrifício pungente, São Pedro podia escrever: *Sine sanguine non fit redemptio* - Se o sangue não é vertido, não há resgate”. É claro que essa citação não se acha nas Epístolas de São Pedro, nem nos Atos dos Apóstolos. Ao contrário, a tradução que é dada por Padre Jacques corresponde melhor ao texto da Carta aos Hebreus.

Alguns meses mais tarde, durante um retiro de moças ministrado em Sanvic, encontramos em suas notas de sábado, 9 de julho de 1927: “Traduzir seu amor a Deus pelo sofrimento: ‘*Si quis vult venire post me abneget semetipsum*’... ‘*Sine sanguine non fit redemptio*’. Contemplar Maria”. A primeira citação vem do Evangelho (Lc 9, 23 ou Mt 16, 24). A segunda é tratada como a primeira e parece, portanto, ser uma citação de memória da Carta aos Hebreus (9,22).

Em um sermão proferido na igreja de São Leão, do Havre, para a festa de Santa Joan D’Arc, em 13 de maio de 1928, escreve: “*Sine sanguine, non fit redemptio* - Sem efusão de sangue não há resgate”. A tradução que ele acrescenta é ainda mais explícita que em 1927 e mostra que pretende citar a Carta aos Hebreus.

Em um sermão pronunciado quando era então noviço no Carmelo de Lille, para a festa do Nome de Jesus (3 de janeiro de 1932), escreve: “Compreendendo Ela (trata-se da Virgem Maria) que o Messias estabelecerá seu Reino por meio de indizíveis sofrimentos, realizando plenamente o sentido do que diria São Paulo - *Sine sanguinis effusione non fit redemptio* – mais de uma vez, comovida, ela teria chorado de compaixão pelo Messias e por aquela que seria Sua mãe e que

deveria segui-Lo ao longo do caminho doloroso da Redenção!...Ora, essa mãe, o Anjo lhe informa, deve ser Ela”. Dessa vez, São Paulo é nomeado (não esqueçamos que, nessa época, a Carta aos Hebreus era atribuída a São Paulo). E a citação dada é muito próxima do texto original, a não ser porque *redemptio* substitui *remissio*.

Citamos um último escrito de Padre Jacques: trata-se de notas íntimas sem data explícita, mas que podem datar inteiramente de 1932. Ele aí fala do sofrimento e escreve: “O sofrimento aceito e oferecido faz de nós salvadores. *Sine sanguine, non fit redemptio*. E ocasiões não nos faltam.”

Através dessas diversas citações, podemos concluir, de uma parte, que a segunda frase da mensagem, grifada a lápis em uma folha de caderno em março de 1945, é exatamente a citação de Hb 9,22; de outra parte, constatamos que essa passagem acompanhou o Padre Lucien Bunel ao longo de toda a sua existência. Ela abriu-lhe perspectivas espirituais infinitas, dando-lhe colaborar com a obra da salvação, vivendo em união com o mistério pascal de Cristo.

Em seu Novo Testamento, o texto mais sublinhado e mais anotado é justamente a Epístola aos Hebreus, texto a partir do qual ele fez várias vezes seu retiro pessoal. Nas notas que nos deixou do mês de julho de 1930, escreve a propósito do versículo que nos ocupa: “Necessitado do sacrifício doloroso para operar um resgate. Programa de vida para o padre. Programa aplicado pelo Cura d’Ars, por São Bernardo, São Domingos, São Francisco, todos os santos cujas vidas marcaram tão profundamente o tempo em que viveram. Quantos entre os padres compreendem essa obrigação? E a compreendem aplicando-a? Quanto a mim, sou um covarde diante da dor assumida voluntariamente em meu ser. Não sou suficientemente mortificado. Há uma correção a operar em minha vida a esse respeito”.

Para concluir esse pequeno trabalho de busca acerca da citação da Carta aos Hebreus, evocaremos a pista dada por um velho aluno do *Petit Collège* de Avon. Embora o evoquemos com ele, nossa interrogação a propósito dessa citação - *Sine sanguine, non fit redemptio* – nos remeterá a um livro publicado em 1928 (*Les voix crient dans le désert*, de Ernest Psichari). Aí encontramos, na página 189, essa citação: “*Sine sanguine non fit remissio*. Mas não é necessário o testemunho da Bíblia. Nós sabemos bem, nós outros, que nossa missão sobre a terra é resgatar a França pelo sangue”.

Padre Jacques foi influenciado por essa obra? Talvez, como numerosas pessoas nessa época, mas nos parece, de toda maneira, que sua fonte primeira permanece sendo a Palavra bíblica lida, meditada, ruminada e assimilada. Com a ajuda da graça, deixou-se trabalhar pela Palavra, fazendo igualmente tudo que dependia dele. E o testemunho de sua vida nos campos onde ele esteve presente vem atestar o que tinha escrito anos antes.

É precisamente uma mensagem de fé e esperança que ele deixava a seus companheiros de Gusen. Dando-lhes algumas palavras, era o seu coração de padre que lhes ofertava. Escrevia-lhes o que viveria e assinaria logo, de maneira definitiva, por sua Páscoa.

### ***Tornar-se seres de solidão***

Toda alma que encontrou a Deus, que fez experiência de Deus, é faminta de solidão. Mas nem toda alma pode realizar uma solidão material. Muitas almas são obrigadas a permanecer no mundo. (...) é preciso ser solitários se quisermos realizar a vocação do Carmelo. Quantas almas, em plena multidão, têm uma solidão extremamente profunda!

Solidão não quer dizer recolhimento egoísta sobre si mesmo. A solidão indica que a alma se retira, que a alma se torna só. Mas Deus mesmo tinha advertido que havia infelicidade em estar só. Como conciliar as duas coisas!...

Deus é o Grande Solitário. Deus é Infinita Solidão. Deus é o Ser imenso que basta a Si mesmo. Deus é o Ser Uno, Infinito, Perfeito e Eterno. O Pai diz de Si mesmo essa Palavra que é o Verbo. O Verbo contempla o Pai e, nessa contemplação mútua, há essa emanção de amor que é constituída pelo Espírito Santo. Ele é a eternidade da felicidade, subsistente por Si mesmo.

Mas Deus, Solidão Infinita, Se dá porque é Bondade Infinita. E dessa Solidão há a Vida que circula sem cessar. Assim para a alma que se retira na solidão, já que é retirar-se em Deus, que é Solidão viva; desprender-se do mundo exterior é adentrar em Deus.

(Retiro de Pentecostes, 1941)

### ***A viva atualidade dos Carmelitas Descalços***

*Nos arquivos carmelitanos de Avon encontramos um caderno de capa vermelha, com o texto seguinte: artigo "O Carmelo"*

A história de todo homem é "uma luta pela vida". Viver! É o grito trágico do verdadeiro drama humano. Tudo no homem brada esse grito: seu corpo, sua alma, seu coração, sua inteligência. Cada fibra de seu ser, por mais simples que seja, aspira à vida. E, quanto mais claudica a vida, mais o homem tem sede de viver. Cristo conhecia bem esse lancinante clamor que sobe das profundezas humanas. Depois de ter afirmado que Ele era a Vida, não acrescentou que veio para que a humanidade se saciasse de vida n'Ele? À samaritana - mais ávida de vida que qualquer outra, mas que mendigava dolorosamente a vida junto a decepçantes criaturas humanas - Jesus, com uma voz enternecida pela piedade, gritou: "Se conhecesses o dom de Deus e a natureza de quem te pede de beber, tu lhe pedirias de beber e Ele te daria uma água plena de vida, uma água que faz jorrar, naquele que a bebe, uma fonte inesgotável de vida eterna". Para o mendigo da vida, que é o homem, um só problema: encontrar a fonte da vida. E ele busca... busca, indo de experiência em experiência; e, muitas vezes, aí gasta seus dias e suas forças; e a morte o surpreende, sem que ainda tenha podido gritar o alegre grito definitivo dos encontros seguros. Esse problema, essa angústia dolorosa - único problema humano - parece ter revestido seu caráter mais trágico nos tempos que vivemos.

Na França, depois de mais de dois séculos, os condutores das massas humanas, aqueles que formam a opinião, os letrados e oradores, os que cremos esclarecidos porque melhores charlatães, arrastaram os homens às fontes vivas da vida, que eles diziam novas. E as multidões

os seguiam felizes, precipitando logo a marcha, lançando-se depois impacientemente sobre o que lhes era oferecido para estancar sua sede. Mas essas fontes de vida não passavam de “alimentos terrestres”. E, de geração em geração, a multidão, mais decepcionada, erguendo-se para reemprender sua marcha - com um passo mais pesado, abrasada por uma sede de vida ainda mais ardente - encontrava cada vez menos para saciar-se. Os últimos anos foram, talvez, os mais cruéis. Eram as últimas fontes a explorar. Elas tinham então menos água viva que as outras. E, entretanto, viver! Viver de uma plenitude de vida, viver de um infinito de vida! Alimentar-se da vida, alimentar-se à saciedade, grita sempre, grita mais que nunca a necessidade tirânica de todo homem vindo a esse mundo. Grita, sobretudo nos lábios dos jovens que se levantam e que, decididamente, diante da miséria da vida que favoreceu seus pais durante gerações, não querem mais substitutivos, mas querem a vida verdadeira, a vida substancial, a vida forte, a vida que corre neles farta e apaixonante.

Acabado o tempo de brincar com a vida. Os jovens querem viver o essencial da vida, não os pormenores, não as aparências da vida. O Carmelita Descalço está na fonte da vida. Em nossos tempos de escassez, é o coração mesmo da vida que o Carmelo oferece ao mundo e é o que constitui sua viva atualidade.

A fonte da verdadeira vida era aquela que buscava a alma gigante do patriarca Elias quando permanecia por semanas e meses nas grutas do Monte Carmelo, escondido no silêncio, escondido no jejum. No fundo do silêncio tocava Deus, via Deus, abraçava Deus, perdia-se em Deus e longamente, longamente, sua alma bebia Deus. Deus era a vida, a eternidade da vida, a vida verdadeira, a vida que sacia. E é ali, ali onde orará Elias, ali onde sua alma será saciada de Deus, que nasceu a família religiosa do Carmelo. Como o velho patriarca, os Carmelitas são buscadores de Deus. Como ele, mergulham no silêncio e, como ele, ao longo do dia, ao longo da noite, contemplam a Deus, com uma contemplação viva, onde seu coração alimenta-se de Deus na obscura comunhão da vida mística.

Essa característica de solidão profunda que permite a busca de Deus, a vida carmelitana a conservou, mesmo depois que os monges, expulsos pelos sarracenos no século XIII, do Monte Carmelo – onde viviam em ermidas espalhadas pelas grutas ou em cabanas -, vieram estabelecer-se na Europa. Certas adaptações foram necessárias: a gruta se mudará em cela; a comunidade de vida se estende às horas de oração, de refeição, de recreação. Mas o fundo da vida permanece um fundo de silêncio. Atualmente, ainda, para o rapaz que bate à porta do mosteiro, desejoso da vida religiosa, o Carmelo oferece a solidão e o silêncio. Mas não nos enganemos. Não é a solidão da esterilidade, nem o silêncio da ociosidade! Essa solidão é povoada da rica vida de Deus. O silêncio é pleno da imensa voz de Deus.

Essa solidão e esse silêncio, pouco a pouco, ao longo de seu ano de noviciado e durante os três anos de votos simples, o Carmelita deve plantá-los em seu ser. Deve fazê-los descer nele, para que a cela que abriga seus primeiros anos de formação se reconstitua na intimidade de sua alma e ele possa levá-la a toda parte aonde a obediência lhe ordenar ir. Assim se formam nele, com camadas de silêncio, as profundidades da contemplação viva de Deus, pois o Carmelita, faminto de Deus, permanece toda sua vida um buscador de Deus. A Regra que encontra no mosteiro – Regra antiga, de aproximadamente oitocentos anos, já que foi dada em 1210 por Santo Alberto,



patriarca de Jerusalém, a São Brocardo, segundo prior dos eremitas do Monte Carmelo; Regra sóbria e simples, que ocupa algumas páginas – ,essa Regra insere a vida do noviço em um espesso silêncio. Ela orienta, por certo, o silêncio, fazendo-o desembocar na oração.

A oração! Eis aí o sentido da vida que oferece a seus filhos o silêncio do Carmelo.

A oração! Que palavra e que coisa! A oração é a marca particular do Carmelo. Cada família religiosa tem sua missão especial na Igreja, essa missão dá forma à vida dos membros da família. “O Carmelo tem por missão – e é um grande teólogo da Ordem de São Domingos que o afirma – manter na Igreja um elevado espírito de oração”. Mas o que é, pois, a oração?

Essencialmente é o coração a coração com Deus. É a prece viva, a verdadeira prece, a prece onde os lábios se calam para que o coração, pleno de amor em sua linguagem expressiva de silêncio, transmita toda sua ternura por Deus. A oração é o coração que toca Deus, que se aconchega em Deus, que abraça Deus, que ama perdidamente seu Deus. É a troca de um substancial olhar de ternura com Deus. Santa Teresa d’Ávila diz: “é um comércio de amizade com Deus”.

Duas vezes por dia – no crepúsculo da manhã como no crepúsculo da noite – o sino chama o Carmelita ao coro e lá, no silêncio, durante uma hora inteira com seus irmãos, abisma-se em oração. E, quando se levanta, não é para deixar deliberadamente a oração. Ao contrário, – durante o Ofício Divino, que ele salmodia a sós; durante a Missa, que não é cantada senão em certas festas; na cela onde estuda; nas horas de trabalho manual no jardim ou nos diversos ofícios que exige a vida conventual – em toda parte o Carmelita continua seu coração a coração com Deus. Sua vida inteira é banhada por uma oração difusa. O olhar de seu coração não abandona o olhar de Deus, mesmo nas horas de distensão – uma hora de recreação após a refeição do meio-dia -, abandonando-se por inteiro a uma simples e franca alegria – não há pessoas mais alegres que os místicos, jovens da juventude mesma de Deus -, em seu fundo permanente, a alma do Carmelita permanece em contato pessoal e vivo com Deus. Que belas figuras de contemplativos, assim nutridos de oração, nos oferece a história do Carmelo! Seria preciso citar aqui as deliciosas páginas do velho *Ignea Sagitta* descrevendo as longas orações em que mergulhavam os eremitas do Monte Carmelo.

Que alma profunda a de São Simão Stock (metade do século XIII), que merecerá receber das mãos da Virgem Maria, Mãe e Rainha dos Carmelitas – que serão chamados, desde o século XIII, Irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo – o Santo Escapulário, em sinal de particular proteção. E o Bem-aventurado Soreth, o corajoso normando que fundará os primeiros mosteiros da segunda Ordem da família carmelitana, as monjas Carmelitas, - os Carmelitas formam a primeira Ordem, e os leigos que permanecem no mundo, mas agregados à família, são a terceira Ordem ou Ordem Terceira! - Almas de oração profunda: tais foram, sobretudo, no século XVI, Teresa d’Ávila, a reformadora do Carmelo - a quem corresponde a honra de ter não somente reencontrado o ideal primitivo, mas de tê-lo repensado de uma forma genial -, da qual não se pode separar São João da Cruz, cuja alma submergia tanto em Deus que o simples nome de Deus mergulhava-o em êxtase.

Ainda do fim do século XVI, a Beata Maria da Encarnação, no mundo Senhora Acarie, esposa de um dos Seize, mãe de seis filhos, que soube viver no mundo, sem negligenciar nenhum de seus deveres de esposa e mãe, uma rara vida de oração. Sua alma estava tão bem formada para essa vida que pôde entrar sem dificuldades no Carmelo de Amiens, depois passar ao Carmelo de Pontoise, onde morreu em odor de santidade. Não podemos esquecer de destacar João de São Sansão, pobre frade converso cego do convento de Rennes, que não apenas será elevado aos mais altos graus da vida de oração, mas deixará páginas de saborosa doutrina sobre a vida espiritual.

Enfim, tão perto de nós, a luminosa e sorridente figura de Santa Teresa do Menino Jesus.

### ***Comungar a presença de Deus***

(Carta de 22 de março de 1925)

Depois, vou subir ao alto do penhasco, inebriar-me de sol, de ar fresco e de harmonia.

Vou contemplar o vasto horizonte do mar, escutar a lamúria surda das vagas expirando sobre a areia.

Vou comungar o Bom Deus presente em todas as suas obras.

No meio da calma, do recolhimento do campo

vou senti-Lo presente, ali, tão perto de mim. (...)

Rezarei em nome da Igreja inteira;

apresentarei a humanidade, estando perto de Deus.

Compreendeis agora minha felicidade,

minha felicidade profunda, íntima,

inalterável, pois todos os pequenos incidentes humanos

deslizam pela superfície sem mudar,

sem diminuir minha intimidade com o hóspede divino de minha alma!

